

O imperialismo ecológico em África: a exportação do caos climático e o enfrentamento à barbárie

Arthur Santos dos Anjos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: santosdosanjosarthur@gmail.com

Giselle Sales de Assunção
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: giselle.assuncao00@gmail.com

Jorgeval Andrade Borges
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: jorgeval.borges@uesb.edu.br

1218

Palavras-chave: África. Neocolonialismo. Imperialismo Ecológico. Crise Ecológica. Natureza

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das pesquisas realizadas no Grupo de Estudos Thomas Sankara- GETS, que tem como objetivo estudar África moderna e contemporânea, e baseou a pesquisa a partir das indicações de leituras, fontes e dados, além das discussões realizadas coletivamente para que esta pesquisa, que ainda está em desenvolvimento, pudesse ser realizada. Objetiva-se, aqui, entender as dinâmicas indissociáveis entre capitalismo e crise ecológica, dentro da África, em um longo processo histórico. Já que desde o Século XV, com as grandes navegações e a mundialização do capitalismo, o mundo foi dividido, pelas potências coloniais europeias, entre os países produtores de matéria-prima (periferia) e os países produtores de bens industriais (centro). Essa relação assume primeiro moldes coloniais, posteriormente, forma imperialista e, na África, assume, após a década de 1960, a forma Neocolonial (Nkrumah, 2021). Para que a Europa conseguisse se apropriar dos bens naturais, e da força de trabalho africana, um processo de Acumulação Primitiva (Marx, 2023) foi essencial. Não há processo histórico que altere tão radicalmente a estrutura de uma

Realização:



Apoio:



sociedade, que não tenha sido feito a partir do uso de grande violência – e assim foi na África. O genocídio dos indígenas levou a perda de técnicas de preservação da natureza para favorecer a produção capitalista (Singh, 2023).

Ou seja, além do genocídio dos povos africanos, houve ainda uma imposição das técnicas europeias – visando a extração mais acelerada dos produtos da terra – sobre as técnicas dos indígenas, que viviam em harmonia com a natureza. Essa apropriação cada vez mais acelerada das matérias-primas atinge um ponto, não apenas na África, mas em todo o mundo, em que o ritmo de reprodução do capital supera o ritmo de renovação da própria natureza – uma ruptura metabólica. Percebe-se assim a impossibilidade de separação entre Ecologia e as relações capitalistas internacionais. Ainda hoje, o mantra do “capitalismo verde” e do “desenvolvimento sustentável” disfarça as relações desiguais entre os países do centro e da periferia. Dados do Banco Mundial (2021) destacam que os maiores emissores de Gás Carbônico no mundo hoje, são¹: China: 10,944,000kt; Estados Unidos: 4,320,000kt; Índia: 2,200,000kt; Rússia: 1,618,000kt; e Alemanha: 603kt, de um total de 33,566 quilotoneladas emitidas no mundo inteiro – significando, aproximadamente, 54% das emissões de todo o mundo. Enquanto o continente africano emite aproximadamente 3,1769kt – 10% do montante global. Ainda mais se soma a análise que os países do norte global usam, em média, dez vezes mais energia do que os países do sul global (Hickel e Slameršak, 2022). Esses dados revelam que a estrutura mundializada do capitalismo perpetua relações desiguais entre Metrôpoles e Colônias que permanecem ainda inalteradas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa histórica de caráter crítico foi realizada a partir da análise documental de tipo qualitativo. O problema de pesquisa foi definido a partir da análise de como as relações desiguais do modo de produção capitalista intensificam a ocorrência de desastres ambientais, advindos da constante exploração de recursos naturais, com ênfase nas

¹Em Quilotoneladas de CO².

Realização:



Apoio:



experiências do continente Africano. Foi feita uma extensa busca por fontes primárias e secundárias relevantes, incluindo documentos históricos, relatórios, dados internacionalmente referenciados, noticiários, obras literárias e estudos acadêmicos sobre o tema. Os documentos selecionados foram submetidos a uma verificação detalhada utilizando técnicas qualitativas. Os resultados da análise documental foram interpretados à luz do contexto histórico, político-econômico e ecológico africano. Com base na análise e interpretação dos dados, foram desenvolvidos argumentos e discussões sobre como a incessante busca por lucro e acumulação de capital influenciam de maneira destrutiva as relações humanas estabelecidas com a natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definitivamente a responsabilidade dos países africanos frente ao processo histórico de mudanças climáticas é mínima, mesmo sendo estes os mais afetados pela relação de desequilíbrio estabelecida com a natureza dentro do sistema capitalista. Desde meados de março de 2024, mais de 1,6 milhões de pessoas na África Oriental foram atingidas por fortes chuvas, inundações e deslizamentos. Quênia, Tanzânia, Burundi, Etiópia, Uganda e Somália são os maiores afetados (Nairóbi, 2024). Em setembro de 2013, a região norte de África lidou com a pior inundação registrada na região desde 1900, mais de 5 mil pessoas vieram a óbito e outras 10 mil foram dadas como desaparecidas. (Alkhshali, Salem e El Damanhour, 2013).

Ao analisar as principais atividades econômicas destes países, verifica-se um predomínio de atividades primárias, tais como agricultura monocultural e latifundiária, com principal foco no mercado exterior – principalmente Europa, China e EUA. E extração mineral, principalmente através de empresas multinacionais de países de fora de África. Na República Democrática do Congo, no centro de África, as principais fontes de exportação são *commodities* tais como o milho, arroz e amendoim, no meio agrário (USDA, 2024), e o cobre e cobalto no ramo de mineração (USGS, 2021). Destaca-se que o Congo Kinshasa é produtor de $\frac{2}{3}$ do volume total de Cobalto do Mundo, produzindo, em 2020, um total de 95,000 Toneladas Métricas, de um total de 140,000 produzidos no mundo inteiro (USGS,

Realização:



Apoio:



2021). A monocultura latifundiária e agroexportadora (com 55% das exportações indo à China) demonstrou-se, historicamente, extremamente agressiva para com o solo. Essa forma de produção impede a renovação dos nutrientes do solo, causando perda de matéria orgânica, e degradando o solo. Já o cobre e o cobalto são minerados por empresas de capitais estatais, mistos e internacionais, com protagonismo das empresas Glencore International, dos EUA; Zijin Mining e China Molybdenum, da China; e Eurasian Resource Group, de Luxemburgo; - empresas que atuam em diversos países do continente africano – além da Gecamines, empresa estatal do Congo Kinshasa (USDA, 2024). Sendo um tipo de atividade baseada na perfuração do solo, desvio de corpos d'água, criação de garagens de sedimentos, são absolutamente agressivos ao solo e, conseqüentemente, ao ciclo metabólico da natureza.

1221

CONCLUSÕES

Desta forma, percebemos que as relações Imperialistas Ecológicas atuam na degradação da Natureza dos países periféricos. Dado pela atuação dos Cartéis Monopolistas internacionais, que financiam atividades extremamente agressivas à fauna, flora e ao solo e etc. Com um modelo de agricultura e mineração que desmata florestas, assoreia os rios, rompe com o metabolismo natural e subjugam os povos africanos às mudanças climáticas, em favor do capitalismo global. Diante de toda discussão proposta, fica evidente que dentro dos limites impostos pelo sistema capitalista, a atual crise ecológica não pode ser efetivamente resolvida sem uma radical ruptura das relações de produção vigentes. O mais sensato direcionamento frente a este colapso global é a reorientação para uma sociedade onde a produção é organizada de acordo com as necessidades sociais e ecológicas, ao invés de ser dirigida pelo lucro.

REFERENCIAS

BANCO MUNDIAL. “Emissão de CO² em Quilotoneladas”. Climate Watch Historical GHG Emissions (1990-2020). World Bank. Washington, Jan, 2021. Disponível em:

Realização:



Apoio:



<https://data.worldbank.org/indicator/EN.ATM.CO2E.KTend=1992&name_desc=true&skipRedirection=true&start=1990&view=map&year=2020>. Acesso em: 27 mai. 2024.

FOSTER, J.B.; CLARK, B. **Imperialismo Ecológico: A Maldição do Capitalismo.** Socialist Register: The New Imperial Challenge. Nova Iorque. Vol. 40, nº 10, p. 225-244, Jan, 2004.

FRAME, M. L. **The Neoliberalization of (African) Nature as the Current Phase of Ecological Imperialism.** Capitalism Nature Socialism, Abingdon, Vol, 27, nº 8, p. 87-105, Jan, 2016.

HICKEL, J; SLAMERŠAK, A. **Existing climate mitigation scenarios perpetuate colonial inequalities.** Lancet Planet Health, Londres, Vol. 6, nº11, p. e628-e631, Jul, 2022.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Vol. 1. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.

NKRUMAH, Kwame. **Rumo à Libertação Colonial: África na Luta contra o Imperialismo Mundial.** In Rumo à Libertação Colonial: Teoria e Prática de Kwame Nkrumah. São Paulo: Editoria Ciências Revolucionárias, 2021, 169 p.

NAIRÓBI, L. **Chuvas na África deixam pelo menos 473 mortos e 1,6 milhão de afetados.** Agencia Brasil. Quênia. 25 de maio de 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-05/chuvas-na-africa-deixam-pelo-menos-473-mortos-e-16-milhao-de-afetados>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

SINGH, N. **Climate Justice in the Global South: Understanding the environmental legacy of Colonialism.** Global Climate Justice: Theory and Practice, Bristol, Vol. 1, nº 2, p. 46-63, Jan, 2023.

UNITED STATES GEOLOGICAL SURVEY. Geological Survey Congo (Kinshasa) Advance Release. Minerals Yearbook U.S. Washington, Ago, 2021a. Disponível em <The Mineral Industry of Congo (Kinshasa) in 2016 (d9-wret.s3.us-west-2.amazonaws.com)>.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Congo (Kinshasa) Production. Foreign Agricultural Services. Washington, Jul, 2024. Disponível em <<https://ipad.fas.usda.gov/countrysummary/default.aspx?id=CG>>. Acesso em 27 mai. 2024

Realização:



Apoio:

